REQUERIMENTO Nº 021/2023

De 31 de agosto de 2023

Sr. Presidente,

Srs. Vereadores (as),

Requeiro, após ter ouvido o Plenário, de acordo com os trâmites legais e regimentais, a realização de **Sessão Especial em homenagem ao Sr. Rosalino Souza, morto na guerrilha do Araguaia, que será realizada no dia 13 setembro do corrente ano, às 19h00.**

João de Deus da Silva Filho
Presidente

Gênison Feitosa do Nascimento
1º Secretário

Eliomar Alves Barreira Castro
Vice-Presidente

Helder Flávio Pinto Ladeia
2º Secretário

JUSTIFICATIVA

O Sr. Rosalino Souza (1940-1973) era combatente, advogado e poeta, também conhecido como “Mundico no Araguaia”. Originário de Itaguassú, na Bahia, Rosalindo iniciou sua militância pelo movimento estudantil no curso de direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sendo eleito presidente do Centro Acadêmico Rui Barbosa, em 1968. Neste período, é lembrado por ter dirigido a captura de um agente da repressão que vigiava a residência universitária, após a prisão de um companheiro de partido. Por conta de sua atuação, foi impedido de se matricular na UFBA pelo decreto federal 477/1969, forçando-o a concluir seus estudos na Faculdade Cândido Mendes (UCAM), no Rio de Janeiro.

Já formado, ingressou na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e montou seu escritório de advocacia popular em Itapetinga, no interior da Bahia. Esse período não

duraria muito: condenado em 1971 a dois anos de reclusão pela Justiça Militar, Rosalindo dirige-se ao sudeste do Pará, integrando o Destacamento C da Guerrilha do Araguaia. Seu trabalho mais reconhecido pelas massas da região foi o cordel "**Romance de Libertação do Povo**", um dos principais materiais de propaganda do Partido no Araguaia.

Em 1973, Mundico foi assassinado covardemente por um elemento atrasado das massas, o mateiro Olímpio Pereira, em Xambioá. Até 2018, data em que Olímpio narrou sua responsabilidade ao monopólio de imprensa Estadão, não havia clareza sobre a morte de Mundico: sem registro de troca de tiros e como decorrência do caráter sorrateiro do ato, Grabois entendeu que o combatente morrera acidentado com a própria arma. Os militares produziram sua própria versão: a grotesca calúnia de que Mundico teria sido "justiçado" por um grupo de combatentes dirigido por Dinalva Oliveira Teixeira, a Dina, por motivo fútil.

Um outro relato, do mateiro Sinésio Martins Ribeiro, complementa o aspecto sinistro da intervenção militar no Araguaia: teriam lhe exumado o cadáver, arrancado sua cabeça e a deixado exposta por dias no campo de concentração de Xambioá, em frente aos outros detidos.

Certo de ser compreendido, tendo em vista a relevância da matéria, solicito a aprovação deste REQUERIMENTO pelos ilustres pares.

Os Autores